



CONSTRUINDO A NOÇÃO DE TEMPO COM UMA ALUNA COM SURDOCEGUEIRA CONGÊNITA

Heniane Passos Aleixo¹

Thaís Philipsen Grützmann²

Fabiane Carvalho Bohm³

Educação Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Resumo: Este relato de experiência apresenta o trabalho desenvolvido com uma aluna com surdocegueira congênita que frequenta uma escola especial para alunos surdos, numa turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Esta menina é surda e apresenta baixa visão, comunicando-se pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em campo reduzido. O trabalho descreve as suas diferentes dificuldades, as adaptações de material e os problemas de compreensão das medidas de tempo. Na sequência, explica-se a atividade dos calendários, onde a professora conseguiu resolver o problema, de forma que a estudante construiu os conceitos e conseguiu-se localizar dentro de suas atividades de rotina, entendendo o antes, o durante e o depois.

Palavras Chaves: Surdocegueira. Aprendizagem. Tempo. Antecipação. Rotina.

INTRODUÇÃO

O presente relato é resultado de uma experiência vivenciada com uma aluna do 3º ano do Ensino Fundamental com surdocegueira congênita, a qual frequenta a Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola bilíngue para surdos, localizada na cidade de Pelotas/RS. A autora conheceu a menina em questão em 2013 e desde então tem feito atendimentos diversos e intervenções com o intuito de estimular a criação de conceitos e despertar a aprendizagem. Desde o ano passado tem trabalhado diretamente com a aluna, pois é professora titular da sua turma regular na escola. Durante este tempo foi possível perceber que além da necessidade de adequações no material didático ela não tinha bem definido o conceito de tempo.

A aluna em questão é surda e tem baixa visão, sua comunicação é realizada em Libras em campo reduzido, ou seja, a pessoa responsável por informar, conversar ou ensinar algo à menina deve se posicionar em um campo espacial e distância menor, conforme a necessidade e orientação da pessoa com surdocegueira.

Para melhor entendimento, Lagati (1995, p. 306) diz que:

¹ Mestranda do PPGEMAT/IFM. Universidade Federal de Pelotas. heniane@bol.com.br

² Doutora – Profa. Orientadora do PPGEMAT/IFM. Universidade Federal de Pelotas. thaisclmd@gmail.com

³ Mestranda do PPGEMAT/IFM. Universidade Federal de Pelotas. fabianebohm@gmail.com

Surdocegueira é uma condição que apresenta outras dificuldades além daquelas causadas pela cegueira e pela surdez. O termo hifenizado indica uma condição que somaria as dificuldades da surdez e da cegueira. A palavra sem hífen indicaria uma diferença, uma condição única e o impacto da perda dupla é multiplicativo e não aditivo.

A surdocegueira é dividida em quatro categorias, determinadas de acordo com a condição da pessoa diagnosticada: indivíduos que eram surdos e ficaram cegos; indivíduos que eram cegos e ficaram surdos; indivíduos que se tornaram surdocegos em decorrência de alguma enfermidade; e indivíduos que nasceram ou adquiriram precocemente a surdocegueira, não tendo a chance de construir capacidades comunicativas, cognitivas e de linguagem. Desta forma então, a surdocegueira é uma deficiência única, condição que requer uma abordagem específica para favorecer a pessoa que a tem.

Segundo Maia (2004) tem-se, quanto ao período de surgimento, a surdocegueira congênita, ou seja, a perda de visão e audição ocorre durante a gestação. Sendo o exemplo mais frequente deste tipo de população são as pessoas que tem sequelas da rubéola congênita. Watanabe e Lourenço (2012) afirmam que quando uma pessoa apresenta perdas da visão e da audição, mas já era usuária de uma língua oral como a língua portuguesa ou de sinais como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), antes de se tornar surdocega, dizem que é uma pessoa com surdocegueira adquirida.

O Grupo Brasil, uma ONG de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, que procura difundir a surdocegueira no país, informando, conscientizando, capacitando e implantando serviços, define a surdocegueira como:

uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus. Levando a pessoa com surdocegueira a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender, interagir com as pessoas e ao meio ambiente, ter acesso às informações, ter uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho (GRUPO BRASIL, 2003 apud MAIA; ARAÓZ; IKONOMIDIS, 2010, p. 22).

Segundo Maia, Araóz e Ikonmidis (2010), a criança surdocega independentemente de sua etiologia, que apresenta perda total ou parcial da visão e da audição, geralmente apresenta dificuldades na hora de relacionar-se com seu meio, devido às limitações na compreensão do que está acontecendo e do que tentam dizer-lhe. Ainda, conforme as autoras, o primeiro objetivo é possibilitar a essa criança uma interação com o meio que a rodeia e lhe propiciar comunicação e aprendizado. Pois se o adulto não utilizar estratégias de informação significativas e úteis no seu dia a dia, essa criança não saberá o que se passa a sua volta.

A seguir, relata-se como foi a adaptação do local e das atividades para que a aluna com surdocegueira, bem como sua colega pudessem aproveitar o espaço da sala de aula, as atividades e, assim, aos poucos, construírem os conceitos propostos pela professora.

Metodologia

Há importantes aspectos que devem ser cuidados no desenvolvimento da aprendizagem da criança com surdocegueira. Ela deve dispor de um ambiente preparado para recebê-la. No caso da aluna em questão foi necessário inicialmente retirar da sala objetos que pudessem distraí-la, para aos poucos, na medida em que fosse criando uma maior tolerância às distrações, ir inserindo materiais de apoio e estudo. Foi necessário estabelecer uma rotina de atendimentos, foram escolhidos materiais adequados para trabalhar especificamente com ela, que também beneficiasse a colega, já que estes materiais precisam ser acessíveis a todos.

No trabalho com a criança com surdocegueira é necessário oportunizar a exploração dos objetos, o conhecimento do ambiente e a promoção de atividades em que participe ativamente. A criança com surdocegueira se expressa através do choro, da birra, dos sorrisos. É necessário que o adulto dê significação às ações da criança, assim como, é o responsável por conceituar tudo que a rodeia.

Para que a criança possa aprender são necessárias algumas atitudes básicas como: o vínculo com o sujeito que irá trabalhar com ela, e na escola, em primeira instância é o professor; a criança precisa ter confiança neste professor para que possa se abrir ao aprendizado; e estabelecer uma rotina, para que não fique ansiosa sobre o que vai acontecer com ela.

Para que não ocorra essa ansiedade, que só traz prejuízo ao processo pedagógico, há estratégias de comunicação para criança com surdocegueira, e, entre elas, Maia *et al* (2008) aponta o sistema de calendário, sendo um sistema aberto de comunicação que pode adaptar-se às necessidades das pessoas, visando promover a sua integração social. O sistema de calendário pode ser utilizado para diversos objetivos, entre eles, conversar, comunicar e antecipar, permite novidades, é dinâmico, forma conceitos, cria rotina, organiza estruturas como tempo, espaço, ambientes e pessoas.

Não era possível compreender quando a aluna contava um caso, se era uma situação vivenciada ou que iria acontecer. Ela não conseguia se localizar no tempo, e causava confusão na professora e na colega, já que não era possível dizer se havia acontecido ou iria acontecer tal situação, pois sempre sinalizava “depois” e “amanhã”, mesmo que o evento já tivesse

ocorrido. A aluna gosta de uma professora específica, e sempre que chega à escola passa a tarde inteira perguntando se haveria aula com essa pessoa. Era explicado que não era dia de aula com ela, mesmo assim insistia por diversas vezes nesse assunto.

Pensando na dificuldade da aluna em conseguir construir os conceitos de tempo e de espaço foram utilizadas diversas formas para auxiliá-la. Diante disso, foi avaliada qual seria a mais adequada para a organização da rotina do dia a dia.

Considerada como instrumento de dinamização da aprendizagem, facilitador das percepções infantis sobre o tempo e o espaço, uma rotina clara e compreensível para as crianças é fator de segurança. A rotina pode orientar as ações das crianças, assim como dos professores, possibilitando a antecipação das situações que irão ocorrer (BRASIL, 1998, p. 73).

Foram confeccionados diversos materiais, onde um complementava o outro no quesito rotina diária e semanal, para ajudar na compreensão de conceitos como ontem, hoje e amanhã, antes e depois.

O relato apresenta as atividades desenvolvidas desde o ano de 2016 até o presente momento, sendo adaptado e reinventado para suprir as necessidades da aluna, sobre as noções de tempo e espaço. Alguns dos objetivos foram: organizar acontecimentos e compromissos comuns da turma, compreender as medidas de tempo, identificar a passagem de tempo através do calendário, compreender a sequência numérica, relacionar o calendário ao uso social da medida de tempo, identificar os dias da semana, utilizar o calendário para marcar a rotina, aprender a ler e interpretar informações apresentadas no calendário, exploração dos procedimentos de contagem e resolução de problemas que envolvam a comparação de quantidades.

Primeiramente foi confeccionado um calendário semanal grande disposto na sala de aula contendo dia, mês e ano. Também neste calendário foram colocados os dias da semana e a fotografia das alunas, conforme Figura 1.



Figura 1: Calendário
Fonte: Elaborado pelo autor

No início da aula, todos os dias, a aluna organiza o calendário trocando dia e mês, quando necessário. Na turma há somente mais uma colega surda, que compartilha da referida atividade. As meninas completam o calendário de acordo com sua presença ou não nas aulas. Foi trabalhada a questão da localização no tempo, explicando o ontem, o hoje e amanhã, buscando relatar as atividades desenvolvidas no dia, quantos dias faltam para o final do mês, quantos meses faltam para o final do ano.

Com este calendário, trabalharam-se as medidas de tempo e, também, promoveu-se a oportunidade de construir conceitos relativos à sucessão e à duração do tempo: antes e depois, durante e agora, ontem, hoje e amanhã, onde a professora explorou o que foi feito no dia anterior, o que está acontecendo e qual aula ocorrerá amanhã.

Como extensão deste calendário, foi feito um segundo (Figura 2), com imagens das professoras que darão as aulas nos seus dias e horários específicos, trabalhando juntamente o relógio, mostrando que haverá trocas de períodos para que a aluna se localize no tempo. Como é uma escola de surdos, o sinal sonoro usual toca juntamente com o acendimento de uma lâmpada que fica localizada na sala de aula.



Figura 2: Calendário com as professoras
Fonte: Elaborado pelo autor

Reame *et al* (2013) diz que, o tempo da criança é marcado por “momentos”, que podem servir de referência para ela compreender e organizar suas ações diárias – o momento de sair de casa e ir para a escola, de entrar na sala de aula, de brincar no parque, de lanche com os amigos, de ouvir uma história, de jogar, de se arrumar e esperar o responsável para sair da escola e voltar para casa. É nesse conjunto de ações realizadas em determinada ordem e duração que a criança se **organiza no tempo e no espaço**, individual e coletivamente. Esse momento da aula cumpre a função de organização do tempo e planejamento da rotina diária. Reame *et al* (2013) diz que durante a organização das atividades do dia, considera importante a indicação de alguns momentos que sirvam de referência temporal para os alunos, por exemplo, os horários de entrada, do lanche e da saída. A indicação desses momentos – permanentes e fixos – permite que os alunos se situem no tempo, utilizando, inclusive, as expressões **antes** e **depois** para identificá-los na sequência em que ocorrem.

Resultados

O trabalho desenvolvido utilizando estes calendários auxiliou a aluna com surdocegueira a compreender que há uma sequência de eventos que ocorrem durante o dia, e, embora ainda não tenha autonomia em dizer qual dia da semana está, demonstra que consegue entender e descrever alguns fatos ocorridos antes do evento da aula, como situações vivenciadas no final de semana com sua família. Compreende que é necessário aguardar até determinado período ou dia para ter aula com uma professora específica, percebe que há uma

sequência estabelecida em sala de aula e quando esta não ocorre a aluna tem alteração no seu comportamento mostrando-se agitada e intolerante.

A aluna teve um grande avanço, principalmente no que diz respeito à organização de sua própria rotina. Encontra-se em processo de compreensão de que há uma sequência temporal, e que esta define nossos dias. Já consegue compreender o significado de agora e depois, não insistindo mais para que as coisas ocorram no momento em que ela desejar. Bem como adquiriu um bom entendimento das noções de tempo e espaço.

Considerações finais

Os alunos com surdocegueira têm condições para se comunicar e aprender, desde que sejam respeitadas suas capacidades e habilidades dentro de suas limitações. A especificidade de cada sujeito é descoberta diante do convívio com ele e sua família, sendo esta, fundamental no processo de formação do caráter do indivíduo.

O trabalho desenvolvido para a aluna com surdocegueira, bem como para os alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais, mostra-se de extrema importância devido à necessidade de aprenderem a se situar no tempo. O estímulo visual auxilia a todos a terem uma melhor compreensão do conteúdo, seja ele um estudante com deficiência ou não. No caso da aluna com surdocegueira, ela se utiliza de sua baixa visão para localizar-se dentro dos espaços, sendo assim foram utilizadas para esse trabalho imagens de atividades do seu convívio diário para ajudá-la na compreensão das medidas de tempo. O calendário construído em sala de aula pode auxiliar na compreensão mais eficaz dos dias da semana, já que as crianças visualizam e vivenciam o que está marcado nele, sendo importante ressaltar que ele deve ser construído com a realidade de cada um dos alunos.

Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Volume 1. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LAGATI, S. Deaf-Blind or Deafblind International Perspectives on terminology, p.306. **Journal of Visual Impairment e Blindness** – May-June 1995. Tradução: Laura L. M. Ancillotto, Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002.

MAIA, S. R. **A educação do surdocego**: Diretrizes Básicas para pessoas não especializadas. 81p. Dissertação. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MAIA, S. R. *et al.* **Estratégias de ensino para favorecer a aprendizagem de pessoas com Surdocegueira Congênita e Deficiência Múltipla Sensorial**: um guia para instrutores mediadores. Grupo Brasil, São Paulo, 2008.

MAIA, S. R.; ARAÓZ, S. M. M.; IKONOMIDIS, V. M. **Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial**: sugestões de recursos acessíveis e estratégias de ensino. Grupo Brasil, São Paulo, 2010.

REAME, E. *et al.* **Matemática no dia a dia da educação infantil**: rodas, cantos, brincadeiras e histórias. São Paulo: Livraria Saraiva, 2013.

WATANABE, Dalva Rosa; LOURENÇO, Silvia Maria Estrela. Aquisição de uma nova forma de comunicação para pessoas com surdocegueira adquirida. In: WARANABE, D. R.; MAIA, S. R. (ORG) **Projeto Pontes e Travessias**: Formação de Guia-Intérprete. São Paulo, 2012.